

Máquinas de café: a elegância em todas as cozinhas ■ PV

A marca nacional de carteiras que é uma referência ■ PVIII

# “Sou quem sou sobretudo pelos livros que escrevi”

Num ápice passaram 20 anos desde que Valter Hugo Mãe começou a publicar. Autor de sucesso, aproveita a publicação de “Homens Imprudentemente Poéticos” para falar da sua obra e daquilo que o comove. ■ PII/III



# “A normalidade da vida das pessoas comove-me muito”

Com 20 anos de percurso, o autor aborda o modo como deixa o mundo dos livros no exterior do dia-a-dia. E fala da obra mais recente – “Homens Imprudentemente Poéticos”.

Alexandra Costa

Com carreira firmada na advocacia decidiu mudar de vida e investir na literatura. O Prémio Saramago, atribuído depois ao segundo romance, e os 20 anos de carreira são prova dada da sua (boa) decisão. Valter Hugo Mãe fala de si e do seu ofício.

**Quando começou tinha noção de que estaria hoje neste nível de sucesso?**

Vejo estes 20 anos de edição e publicação como uma coleção de surpresas. Surpresa mesmo na oficina literária, ou seja, aquilo que os textos me foram dando de imaginário, de meditação, de modo de pensar, isso mesmo é a evidência mais profunda da surpresa. Sou a pessoa que sou hoje sobretudo por causa dos livros que escrevi.

**A vida influenciou os livros e vice-versa?**

Sim, é uma mescla. É muito difícil perceber o que provocou em mim a pessoa que sou, mas a escrita teve papel fundamental. E por isso vejo estes 20 anos como uma surpresa da força da escrita, de pensar através de um texto.

**De que forma os locais onde nasceu e por onde passou o definem a nível pessoal e profissional?**

O facto de viver nas Caxinas, que é um bairro de pescadores em Vila do Conde, o lado desfavorecido de uma cidade luxuosa, marca-me muito enquanto pessoa, enquanto indivíduo e enquanto autor. Tenho uma pulsação essencialmente ligada às pessoas mais desprotegidas ou por natureza mais invisíveis, mais discretas, mais desclassificadas ou aparentemente mais simples. A minha natureza de autor leva a que me ocupe de personagens que parecem heróis improváveis. São pessoas do quotidiano que estão em todos

os lugares e em todas as ruas e que, vistas de um modo mais rápido, não parecem óbvias como heróis de aventura.

**Talvez porque são heróis pelas atitudes no quotidiano...**

Porque eu vejo a heroicidade como uma capacidade de sobrevivência e a mim interessa muito elogiar a simples robustez das pessoas em sobreviverem à dificuldade natural da vida. Não tenho muita tendência para criar o indivíduo superior, destinado a grandes feitos. Tenho mais tendência para considerar que é um grande feito a simples capacidade de sobrevivência. Ainda que recorra muitas vezes a tópicos de alguma fantasia aquilo que faço é verdadeiramente um retrato das pessoas reais. Um retrato das pessoas tal qual as vejo na rua, como as encontro, como as sinto. Tentando traduzir aquilo que me parecem ser os seus problemas, angústias, anseios e desejos. Talvez não soubesse escrever sobre outros heróis porque os heróis que mais me impressionam são estes. Os contínuos, os quotidianos, os reais, aqueles que encontro, aqueles que perdem o emprego, aqueles que sofrem com os filhos, aqueles que contam os tostões, aqueles que perdem as casas, que precisam de emigrar, sentem saudade... esta normalidade da vida das pessoas comove-me bastante.

**Dos géneros literários que experimentou qual lhe agrada mais?**

O género da ficção foi o que mais generosamente me entregou algo. É o género no qual consigo maior satisfação. Os meus romances podem conter muita poesia, podem ter teatro, como podem ser melódicos e ter passagens quase musicais, como podem ser plásticos e aludir à pintura... é o género que mais me oferece e no qual melhor tenho conseguido expressar-me.

**Passou da advocacia para a poesia: porquê?**

Já escrevia poesia desde criança, pelo que esta não era a prazo. A poesia entrou na minha vida como uma forma de ser. Quando publiquei o primeiro livro ainda era estudante e o livro aparece como se fosse um milagre natural. Decorre de escrever obstinadamente. Era como se fosse inevitável. Era impossível de conter. Mesmo que não tivesse essa percepção mais cedo ou mais tarde iria ocorrer na minha vida. E a poesia esteve sempre presente. Não é possível destituir-me da poesia.

**Que importância teve receber o Prémio Saramago?**

Ter recebido o Prémio José Saramago, das mãos do próprio José Saramago, com o discurso apaixonado que ele fez, foi muito importante. Porque há uma espécie de retorno. Como se toda a minha vida de paixão pelos textos me desse uma resposta. Como se

o discurso de Saramago personificasse o mundo. E me respondesse e acolhesse, dizendo: “Valter, tu tens um lugar.” Para um autor talvez o que lhe confere um maior sentimento de justiça, de gratificante justiça, seja passar a ser amado por um autor que sempre amou. É o reconhecimento pelos pares.

**O que mudou com o galardão?**

Após a vitória o caminho ampliou-se. O que acontece ao vencedor do Prémio Saramago é que a sua imagem e o seu trabalho é exposto, havendo curiosidade natural dos leitores em saber quem é aquele autor. Há vencedores que mantêm a evidência e outros tornam-se mais discretos. Mas nenhum regressa ao anonimato. É um prémio mudador, brilhante para um novo autor.

**Já aconteceu ter a visão para uma personagem, esta ganhar vida e acabar com outro ângulo?**

Sim, acontece de vez em quando, em alguns livros, algumas personagens fazerem inversões no seu percurso que são surpresas profundas para mim. São decisões que o livro toma quase à minha revelia. Como se me deixasse estupefacto. Por exemplo, personagens que tinha como fundamentais para sustentar o livro e que morrem demasiado cedo. São personagens que desaparecem do livro muito antes do que eu poderia suportar. Mas cuja morte pode ser essencial para a robustez das outras personagens. O livro tem sobretudo um arranque que podemos orientar, mas depois, e eventualmente se for um livro para dar “certo”, cria a sensação de que é o livro que nos orienta. Deixamos de ter o poder de decidir o próprio livro. E ficamos numa posição em que, de alguma forma, vamos obedecendo à identidade que o livro definiu. ■

*\*Leia a versão integral desta entrevista em [www.jornaleconomico.pt](http://www.jornaleconomico.pt)*





Fotografia com RA

Foto cedida por Porto Editora

# “A literatura interessa-me para criar entendimento”

**Define-se como um observador de pessoas e gosta de salientar os atos heróicos de sobrevivência ao quotidiano.**

## **Como fez investigação para o novo livro?**

Estive no Japão. As viagens a esse país serviram para afinar algumas percepções. Mas no fundo o livro é uma versão pessoal do Japão. A minha própria imagem do Japão. O livro é uma invenção minha onde utilizo alguns tópicos que me parecem clássicos do imaginário japonês.

## **“Homens Imprudentemente Poéticos” é um título enigmático...**

Gosto que os meus títulos sejam, não quebra-cabeças, mas que sejam pistas para algo que o leitor precisa de descortinar. Odeio títulos evidentes. E é bom um título instigar à imaginação e não a esgotar. Não deve dirigir o leitor. Deve sugerir ao leitor.

## **Hoje é fácil, em Portugal, viver da escrita?**

Não. O país é muito pequeno. Não é muito normal que os escritores atinjam sucesso que lhes permita viver dos direitos de autor. Muito poucos o conseguem.

## **Ser considerado dos mais importantes autores portugueses atuais não é muita responsabilidade?**

Sim, mas tenho uma coisa ótima: vivo, desde os nove anos, num local pequeno e onde sou o cidadão discreto que sempre fui. O mundo dos livros fica meio no exterior do meu quotidiano. Como se estivéssemos a falar de uma personagem que de alguma forma aciono e à qual posso ter algum acesso. É muito importante que funcione como um alter ego para que possa regressar a uma normalidade humana, para que viva uma dimensão profundamente humana. Interessa-me muito que a literatura não prejudique a minha capacidade de ser uma pessoa com as outras. De estar em coletivo.

## **Há influência no Valter do dia-a-dia?**

Sim, há muita influência, mas também muita construção. A literatura é uma construção que interfere em tudo, mas não no aspeto que poderia ser paralisante do escritor bem-sucedido, do escritor conhecido, visível. A literatura participa na sua dimensão endémica, na sua dimensão concetual, meditativa. Mas já não é o espetáculo da literatura. É como se o espetáculo da literatura ocorresse num palco exterior à terra onde vivo. E de vez em quando as duas coisas tocam-se. Há uma chamada de atenção, uma percepção de que há coincidência, entre uma pessoa e a outra. Mas gosto muito que a literatura esteja na minha vida não para me diferenciar dos

outros, mas para me aproximar. Ser alguém disponível para entender os outros. É importante saber situar o outro. Saber perceber de que modo o outro vive. Com que armas o outro vive e que possibilidade tem de chegar a um pensamento parecido ou diferente do meu. E fazer a descodificação da mensagem. No fundo a literatura ou arte interessa-me muito para criar entendimento.

## **Por que razão trocou a advocacia pelos livros?**

Percebi que não era o meu percurso e precisava de confrontar a família com a decisão. Foi terrível e redentor. E os meus pais compreenderam isso com alguma rapidez. Os livros acabaram por ser prova para o juízo e não para a loucura.

## **Ter sido advogado ajudou-o a saber ouvir?**

Sim. Habituei-me a ouvir aquilo que parecia ser a intimidade de uma determinada história. Por vezes era só a aparência da verdade. Que as pessoas nem sempre contam a verdade ao advogado. Não sei se me ajudou, mas é uma das minhas características: estar atento ao que os outros dizem. A advocacia e o exercício do Direito foi uma plataforma de estudo do discurso excepcional. O Direito é uma disciplina discursiva. Houve um aproveitamento do necessário rigor de leitura e de escrita que me favoreceu e ajudou no meu percurso literário. A escrita solicita sobretudo uma intuição, um sentimento. Entramos na obra como alguém à descoberta. Vamos à descoberta. E a arte é incrível por proporcionar essa revelação ao próprio autor, por se completar como uma máquina de re-

“[Por ter sido advogado] habituei-me a ouvir aquilo que parecia ser a intimidade de uma determinada história. Não sei se me ajudou, mas é uma das minhas características: estar atento ao que os outros dizem”

velar, aquilo que não é perceptível.

## **Por vezes o livro ganha vida?**

Sim, é uma coisa que nos preparamos para que possa acontecer. Mas não abarcamos a sua plenitude. O autor nunca abarca a plenitude da própria obra. É sempre menor do que a própria obra. E, por isso, ainda que a literatura seja uma arte, seja um percurso de profunda intuição, o sermos dotados de alguma metodologia, de alguma capacidade de resistência, é importantíssimo. O que mais acontece com quem quer afunilar algum tipo de obra é desistir a meio. É não entender como perdurar, como demorar um determinado pensamento. E, ainda que estejamos nesse território intuitivo, sem muitas evidências de como prosseguir, é preciso haver robustez de rigor, de capacidade de organização, para que o livro consiga terminar-se. Se não teremos enorme quantidade de intenções, mas nada consumado.

## **Como lhe surgem os temas?**

Vivo impressionado por algumas coisas. Há assuntos que me são naturais e para os quais estou propenso a estar atento. E há instantes, epifanias, coisas da vida, do quotidiano, os gestos das pessoas. Gosto muito de observar pessoas que não conheço e que nem sei o que estão a dizer. Gosto de ver o movimento, a forma como se movem e gesticulam. É como se as pessoas destituídas do discurso se tornassem a tela branca na qual posso escrever. Sou muito marcado pela observação das pessoas.

## **Em termos de influências, quais os autores que gosta de ler?**

Leio muito, sobretudo ensaios e filosofia e tenho de conseguir esse tempo. Porque, por mais que o quotidiano seja uma trapalhada de compromissos, preciso de regressar àquele instante em que domino um pouco a minha vida e usufruo daquilo que o mundo tem de melhor. Ter tempo para mim, para estar com quem eu gosto, para voltar às minhas pessoas, para voltar a família, aos amigos, às minhas leituras. Adoro comprar livros. Adoro poder descobrir um livro numa livraria, até de um escritor que não conheço. Das coisas mais violentas que alguém pode fazer é orientar-me numa livraria. O dizer “deverias ler isto”. Tenho cada vez mais prazer em entrar e estar sozinho numa livraria e de poder apaixonar-me pelos livros, pela minha própria natureza. Sem qualquer indicação, só pela liberdade de poder escolher o livro. ■

## CINEMA

# Woody Allen gosta de olhar para as vidas dos ricos

É assim que o realizador norte-americano fala, em certa medida, sobre o seu mais recente filme, “Café Society”.

Paulo Jorge Pereira  
ppereira@jornaleconomico.pt

Woody Allen a olhar para a indústria cinematográfica, numa visita aos anos 30 é também Woody Allen a olhar para a vida dos ricos. E ainda Woody Allen num exercício que se transforma em misto de fascínio e repulsa no que diz respeito ao glamour de Hollywood. Não falta, ainda, a pitada de certo sentido de humor e romantismo. No fundo, ingredientes que tem apresentado ao longo da carreira cinematográfica com visões mais ou menos profundas e reaparecem em “Café Society”, a sua mais recente obra.

Aos 80 anos, conforme afirmou em entrevista ao diário “The Guardian”, Allen admite que gosta de olhar para as vidas dos ricos e está muito longe de diabolizar os seus argumentos,



Jesse Eisenberg e, sobretudo, Kristen Stewart, ganham evidência no mais recente exercício cinematográfico do realizador

trunfos, eventos e fausto em que se movimentam. Com ironia, reconhece que joga na lotaria com a mulher e chega a gastar 100 dólares por semana. Mas sempre diz que não quer comprar um barco ou um avião – é, afinal, mais um passatempo. ■

**Género:** Comédia/Romance;  
**Realizador:** Woody Allen; **Elenco:** Jesse Eisenberg, Kristen Stewart, Steve Carell; **País:** EUA;  
**Duração:** 96m.

## ESTREIAS

## Abril e o Mundo Extraordinário



Alguma coisa de errado está a acontecer naquele ano de 1941 em pleno reinado de Napoleão V em França: sem qualquer base de explicação, os cientistas estão a desaparecer. Falta evolução, a tecnologia não passa de mera palavra, a eletricidade é algo de inexistente, tal como invenções da dimensão de televisão, rádio ou aviões. Abril (Marion Cotillard) continua a investigar o chamado soro da imortalidade, dando seguimento ao trabalho dos pais que, como quaisquer outros cientistas, desapareceram. Este é o momento em que vai lançar-se numa aventura simultânea de procura dos pais e de fuga às autoridades, missão em que vai ter apoios – Darwin, o gato

falante, e Julius, o jovem apaixonado, estarão ao seu lado para a ajudar a cada momento mais delicado. Uma obra diretamente inspirada na Banda Desenhada de Jacques Tardi com dois estreantes na realização.  
**Género:** Animação/Comédia;  
**Realizador:** Christian Desmares e Franck Ekinci; **Elenco:** Marion Cotillard (voz), Philippe Katerine (voz), Jean Rochefort (voz); **País:** Bélgica, Canadá e França;  
**Duração:** 105m.

## Jack Reacher: Nunca Voltes Atrás



O ex-investigador Jack Reacher (Tom Cruise) vive à margem do mundo após mais de 10 anos à frente da Unidade de Investigações Especiais. Entretanto, descobre que Susan

Turner, major com quem chegou a trabalhar, foi detida sob acusação de traição. Crendo que Turner é vítima de uma armadilha, Reacher envolve-se num plano para a ajudar. E é aí que tudo se complica ainda mais...

**Género:** Ação; **Realizador:** Edward Zwick; **Elenco:** Tom Cruise, Cobie Smulders, Robert Knepper; **País:** EUA; **Duração:** 118m.

## Mas que Cinco...



Julia, Vadim, Timothé, Samuel e Nestor, amigos desde a infância, planearam morar juntos assim que estivesse assegurada a autonomia. Samuel diz que irá pagar metade da renda graças à riqueza do pai, mas o plano vai sofrer grandes alterações.

**Género:** Comédia; **Realizador:** Igor Gotesman; **Elenco:** Pierre Niney, François Civil, Igor Gotesman; **País:** França; **Duração:** 102m.

## NOVIDADES

## “Mota Pinto”, de João Pedro George (Contraponto)

É apresentado hoje o livro sobre a vida de um político importante na democracia portuguesa, escrito pelo sociólogo João Pedro George com publicação pela Contraponto do Grupo Bertrand/Círculo. Fulcral para a fundação do PPD/PSD, Mota Pinto seria primeiro-ministro e desempenhou papel central no primeiro Executivo do Bloco Central, liderado por Mário Soares.



## “O Rapaz e o Pombo”, de Cristina Norton (Leya)

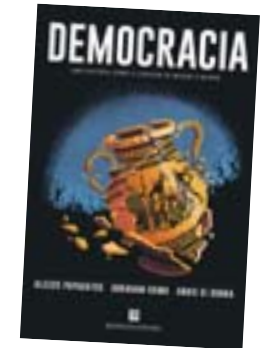


Realidade e ficção, numa história entre 1930 e 1958 em que “o leitor é conduzido pela voz de um rapaz judeu, com humor e ironia, num universo repleto de momentos de desalento, ternura e amor à vida”. A autora, nascida a 28 de fevereiro de 1948 na Argentina, vive em Portugal há mais de quatro décadas, colabora em jornais e revistas desde os 17 anos e escreve poesia, romance e conto. A obra já está nas livrarias.

## “Democracia”, de Alecos Papadatos, Abraham Kawa e Annie Di Donna (Bertrand Editora)

Referem os autores que esta novela gráfica “não é apenas um romance histórico”. E acrescentam: “É a história de pessoas como nós que, ao longo da História, são obrigadas a enfrentar vagas de acontecimentos cataclísmicos.”

Está à venda desde o dia 14, mas vai ter apresentação especial no dia 22, com a presença de Alecos Papadatos e Abraham Kawa durante o Amadora BD – Festival Internacional de Banda Desenhada.



## “A mão de Deus - A minha verdade”,

de Diego Armando Maradona com Daniel Arcucci (Vogais)



Não é a primeira vez que Diego Armando Maradona apresenta a sua autobiografia, mas vale sempre a pena ler as histórias que conta. Por muitos considerado o melhor jogador de sempre, o argentino volta a contar com a ajuda de Daniel Arcucci para um desfile de episódios que vão desde os problemas face a Passarella à relação com Messi, passando pelo memorável Mundial de 86. À venda por 16,56 euros desde dia 14.

## “América, the beautiful – Relatos de escritores portugueses” edição de Carla Baptista (Tinta-da-China)

Nos textos reunidos por Carla Baptista há autores como Eça de Queiroz, Jorge de Sena ou Natália Correia, entre muitos outros. Não faltam distintas visões acerca de uma América multifacetada, entre a surpresa e a monotonia, o imprevisível e uma coleção de estranhezas que são, afinal, parte da normalidade num imenso mosaico de costumes e atitudes. Está à venda desde dia 18.





## TECNOLOGIA

# Vai um cafezinho?

**Chegaram ao mercado duas novas máquinas, uma da Teka, outra da Nespresso, que prometem tornar o ato de beber café em casa ainda mais agradável.**

**Bruno Lobo**  
blobo@jornaleconomico.pt

A Teka lançou uma máquina de café de encastrar que tem uma

particularidade bem interessante: vem com adaptadores para uma série de tipos e marcas existentes no mercado. Nespresso, Lavazza, Caffitaly, Illy i-Espresso ou Starbucks são alguns desses sistemas embora,

infelizmente, não contemple dois dos mais utilizados em Portugal: Delta e Dolce Gusto. Ainda assim, não deixa de ser ótimo podermos saltitar entre tantas marcas e ir provando aquelas de que gostamos mais.

Na realidade, esta Teka tem uma segunda particularidade, que é ser ‘made in’ no nosso país. O projeto foi totalmente desenvolvido no centro de inovação e desenvolvimento da Teka Portugal, filial da companhia alemã, e por aqui também é produzida – e exportada para os mais de 100 países onde a marca está presente.

O funcionamento é bastante simples: a máquina tem três funções principais – café ou chá, vapor de água e água quente –, mas também três compartimentos para guardar as cápsulas, as chávenas e outros complementos ao ritual. Tudo muito organizado e, sobretudo, absolutamente integrado na máquina e para cada cozinha.

A outra grande novidade vem da Nespresso, que apresentou a Expert, a primeira máquina da marca suíça que possibilita selecionar três níveis diferentes de temperatura. Uma inovação muito bem-vinda, já que permite fazer um café ligeiramente mais quente do que antes. Não muito, porque a marca joga apenas num intervalo que acredita ser o perfeito para “tirar” cafés.

A isto acrescenta-se ainda mais uma medida no tamanho dos cafés que passam a ser quatro. Ao Ristretto, Espresso e Lungo, junta-se então o Americano, que é basicamente uma quantidade de café equivalente ao Ristretto (25 ml) mais 125 ml de água quente. Essa água sai por um bico independente, pelo que é adequado também para extrair água quente para preparar chás. De referir que,

tal como na Prodígio, todas estas funções são controladas também a partir do telemóvel, por Wi-Fi e na aplicação da Nespresso para que possa fazer o café ainda no quentinho da cama ou sentado no sofá. O design da Expert tem um toque ‘barista’, tipo casa de café moderno, sendo muito ‘cool’ mas a isso, na realidade, já estamos habituados. Quanto a cores, existem duas disponíveis: preto e cinzento antracite. ■

**Teka e Nespresso apresentam máquinas de café que, além da simplicidade, integram-se em qualquer cozinha**



## INOVAÇÃO

# Fast and Furious

**O DJI Mavic Pro é um drone poderoso, apesar da dimensão e da facilidade de uso – no fundo, a tendência neste setor para 2016.**

O DJI Mavic Pro é um drone poderoso, apesar do tamanho e da facilidade de uso.

Essa é a grande tendência nos drones para este ano e a DJI, a principal marca no mercado, não quis deixar os créditos por mãos alheias. Este Mavic é extremamente simples, mesmo para o piloto menos experiente que, em situações complicadas, pode sempre recorrer a uma espécie de ‘autopilot’, fazendo com que o Mavic se dirija ao ponto pretendido de forma autónoma. Apesar de todo esse enfoque na simplicidade, tem todas as funções que se esperam de um dispositivo mais profissional.

**Este modelo dispõe de uma autonomia de 27 minutos e chega a uma altitude máxima de cinco mil metros**

Para começar, uma autonomia de 27 minutos, o que está em linha com o mais poderoso Phantom 4. E pode voar para cada vez mais longe sem perder a transmissão de vídeo, já que inclui o sistema OcuSync, um sistema proprietário da marca e que ultrapassa as capacidades do Wi-Fi em termos de alcance de transmissão, claridade de vídeo, transmissão em tempo real ou resistência a interferências.

Outra tecnologia é o SkyAutonomy, que permite a deteção de obstáculos até 15 metros de distância, conseguindo desviar-se deles mesmo quando está fora do alcance de visão. Assim não tem de preocupar-se em es-



tragar este brinquedo que pode ser pequeno, mas ainda custa 1.200 euros.

Com o Active Track pode também escolher um objeto a seguir, pois o drone não o larga mais. Ou pode acenar-lhe e o Mavic tira-lhe umas ótimas ‘selfies’ – se é que ainda podem chamar-se assim. Como em qualquer drone, a qualidade de imagem é fundamental e este Mavic

suporta inclusivamente vídeo 4K (12 MP em fotografia), a 30fps e a estabilização é assegurada por um gimbal de três eixos, eficiente mesmo em movimentos de alta velocidade.

E pode voar rápido (!): 5 m/s a subir e 65 km/h em voo. Já agora, a altitude máxima situa-se nos cinco mil metros. Nada mau para um drone que pesa somente 743 gramas. ■

# ROTEIRO

## GRANDE LISBOA

**28: John Pizzarelli** – Centro Cultural de Belém (21h00). Preços: de 25 a 30 euros. Desta vez, o principal pretexto para a visita de um dos grandes intérpretes contemporâneos de jazz é o seu mais recente álbum, intitulado “Midnight McCartney”, com o qual apresenta temas do ex-Beatle com roupagem diferente, sob convite do próprio. Numa carreira que engloba mais de 20 trabalhos de estúdio, Pizzarelli já colaborou com nomes tão importantes como Rosemary Clooney, Paul McCartney, Jessica Molasky ou James Taylor.



**21: Ópera: ciclo Utopias (Bosch Beach)** – Teatro Municipal Maria



Matos – 21h30; sala principal, preços entre 7,5 e 15 euros; duração: 75 min

Com Vasco Mendonça, Kris Verdonck, Dimitri Verhulst, Lod Muziektheater e a Orquestra Gulbenkian. Segundo recorda o site do Teatro Maria Matos, “Hieronymus Bosch é um dos pintores mais misteriosos na história da arte nos Países Baixos. Por ocasião do 500º aniversário da sua morte, a companhia Lod junta o compositor Vasco Mendonça, o escritor Dimitri Verhulst e o encenador Kris Verdonck para fazerem uma produção de teatro musical baseada na obra de Bosch”. Os quadros do pintor “são conhecidos pelas criaturas peculiares em cenários bizarros ou com cenas sinistras, como em ‘O Jardim das Delícias Terrenas’ e ‘O Juízo Final’”.

**21/22: Noites de Queluz: Um Compositor Português no Tempo de Napoleão e um Serão com Beethoven** – Sala do Trono – 21h30. Com Gabriela Canavilhas

(pianoforte), Concerto Moderno (ensemble de cordas), César Viana (direção musical); Com Giuliano Carmignola (violino), Accademia Musicale della Annunziata e Divino Suspiro (orquestra), Massimo



Mazzeo (direção musical). Bilhetes online.

**21/22: XVI edição da Settimana della Lengua Italiana nel Mondo** – Com o alto patrocínio do Presidente da República de Itália, os eventos incluem, no dia 21 (18h30), no MAAT, a apresentação do Museu MAXXI de arquitetura de Roma com a



diretora, Margherita Guccione (na foto). No dia 22 (11h00), no Instituto Italiano, “Giocare con la moda: disegnare, confezionare e costruire una sfilata di moda” - atividade “didática para as crianças dos cursos do Instituto Italiano de Cultura que, com papel e tesouras, vão desenhar e confeccionar um verdadeiro desfile de moda”. É

ainda inaugurada a exposição de desenhos “L'incontro con l'altro. Qui nessuno è straniero” com participação do ilustrador Chito.

**23: “Entre o Sono e o Sonho” Vol. VII: Mil Poetas Invadem Lisboa** – Teatro Tivoli BBVA – 15h00. No lançamento da Antologia de Poesia Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho”, Vol. VII, os atores Custódia Gallego e Carlos M. Cunha são convidados a declamar textos que selecionaram entre os mil da antologia.

Entrada livre, limitada à capacidade da sala.

**24: Workshop de Mizuhiki** – Museu do Oriente.



Até ao final do ano, com o objetivo de revelar diversas tradições e culturas asiáticas, o Museu do Oriente organiza cursos e workshops que abordam várias artes. Neste caso trata-se do Origami, abordando-se duas vertentes desta arte nos dias 24 (mar) e 29 (origami arquitetónico). **22/23: Quinze Bailarinos e Tempo Incerto** – Companhia Nacional de Bailado – 18h30 (22) e 16h00 (23). João Penalva cuida da direção, cenário e figurinos; Rui Lopes Graça

## LEIRIA

**Até 29: MEO Rip Curl Pro Portugal**

– Entre Peniche e a Nazaré. Os melhores surfistas do mundo estão de volta a Portugal e uma das inovações da competição é a mobilidade do evento. “A organização portuguesa e a World Surf League estenderam a zona de competição para garantir que os surfistas competem em ondas excelentes”, refere a entidade organizadora. A prova pode realizar-se em Supertubos (Peniche), na Foz do Arelho, nos Belgas (zona da praia del Rey) ou na praia do Norte (Nazaré).



trata da coreografia; para David Cunningham fica o som, tendo a contribuição de Zhuomin Chan e Michael Scott; o desenho de luz é de Nuno Meira num espectáculo interpretado pelos artistas da CNB. Penalva, artista plástico que vive em Londres há vários anos, volta à dança.



**22/23: Quatro Horas do Estoril: European Le Mans Series** – Autódromo do Estoril.

Nos vários campeonatos que integram o programa competitivo há diversos pilotos portugueses em ação como Rui Águas (GT), Filipe Barreiros (Michelin GT3 Le Mans Cup), Miguel Ramos e Pedro Moleiro (ambos no Renault Sport Trophy) e Henrique Chaves (Eurocup Formula Renault).

**Até 30: DocLisboa: 14º Festival de Cinema** – Culturgest, São Jorge e Fundação Gulbenkian. Além da competição internacional e nacional, há propostas como a retrospectiva sobre Cuba, o trabalho de Peter Watkins ou nomes como David Bowie, Muhammad Ali, David Lynch, Sidney Lumet ou Mapplethorpe.

**30: Festival da Nossa Terra** – Quinta de Sant’Ana, Gradil (Mafra)

Inclui provas de vinhos, visitas às adegas e atividades para crianças. Há também porco assado, pão de Mafra cozido em forno a lenha ou as famosas sopas saloias, além de especialidades alemãs como tarte de cebola ou waffles. Trajes tradicionais da Baviera, danças de folclore português, mostras de artesanato e passeios de trator pelos vinhedos fazem parte do programa. São esperados quase dois mil convidados. Bilhetes à venda nos locais habituais (Ticketline, FNAC), variando entre 10 (dos 5 aos 17 anos) e 20 euros (adultos).



**Até 4/11: “Uma extensão do olhar – art & law”** – PLMJ organiza exposição de fotografia na Sociedade Nacional de Belas Artes.

**Até 2/12: Olha o meu Cacilheiro** – Serviço Educativo do Museu da Carris. Oficina com trabalhos em cartão e esfervite destinada a construir barcos personalizados. É para crianças dos sete aos 12 anos, o número mínimo são 15 e o máximo 25, tendo dois monitores. Inclui visita à exposição “Zona estreita: a Transtejo e a travessia fluvial” com horários por marcação. Preço: cinco euros.

# ROTEIRO



## GRANDE PORTO

**22: Pedro e o Lobo Mentiroso: Workshop Música em Família** – Casa da Música – 10h30.  
Com os formadores António Miguel Teixeira e Paulo Neto, é “um jogo teatralizado inspirado na obra de Prokofiev”.

**22: Guerra é Guerra** – Quinta da Caverneira - Maia - 21h30  
Três personagens – dois frades e a cantora de ópera Luísa Todi – vivem e relatam as Invasões Francesas. Uma viagem pelos locais, os acontecimentos, os intervenientes e até pelos provérbios que tiveram origem na época. Preço: cinco euros.

**22: Nasoni e o Porto** – Estátua Vimara Peres – Sé do Porto – 9h30  
Um percurso pelas ruas da Invicta para descobrir toda a marca do arquiteto toscano na cidade. Termina às 13h00 na Torre dos Clérigos, como não podia deixar de ser. Preço: 15 euros por pessoa.

**Até 23: Festival Internacional de**

**Marionetas do Porto 2016** – Porto – www.fimp.pt

**25: Noite Afrolatina Show** – Muxima – 22h30

Noite de Kizomba com os professores/bailarinos Isabelle e Felicien.

Preços: 10 euros em pré-compra (inscrições limitadas).

**26: John Pizzarelli** – Casa da Música – 21h30

Um dos maiores performers do jazz e aquele que tem sabido muito bem dar a conhecer os clássicos às novas gerações.

Preço 28 euros.



## ALGARVE

**Até 23: 10ª edição do Portugal Masters** – Oceânico Victoria Golf Course – Vilamoura

O mais importante torneio de golfe que se realiza em Portugal reúne, durante vários dias, alguns dos nomes mais importantes no plano nacional e internacional. Andy Sullivan, detentor do título e recente competidor na Ryder Cup, está de regresso ao lado de nomes como Thomas Pieters, Thomas Bjorn, Padraig Harrington, Paul Lawrie, Alex Lévy, Alex Noren, Álvaro Quirós ou José Maria Olazábal. Ricardo Melo Gouveia, único português no European Tour este ano, integra um contingente nacional com Tiago Cruz, João Carlota, Hugo Santos e João Ramos, além dos amadores Tomás Silva e Pedro Lencart.

**Até 21: Festival de Teatro 2.º Ato** – Teatro Mascarenhas Gregório (Silves) – 21h30

## ÉVORA

**Até 31/12: Pelas Ruas de Macau** – Museu de Évora.

Esta exposição itinerante desde o ano passado revela “a singularidade de Macau, captada pelo olhar de um

dos mais conceituados fotógrafos de rua, Rui Palha”, depois da sua visita, há três anos, a convite da “Society of World Ethnic Chinese Photographers”.



## AÇORES

**21 a 23: Wine Azores** - Pavilhão de Expositores - São Miguel.

É uma das maiores feiras de vinho nacionais, com a particularidade de o grande destaque ir para os vinhos daquele região de que, pouco a pouco, o resto de Portugal vai descobrindo a qualidade. Nesta 8ª edição estarão mais de 170 empresas da área, num evento que mistura também gastronomia e que recebe visitantes até à meia-noite... e sem horário de encerramento.

PUB

# Os vinhos estão de regresso para venda e promoção no espaço do Campo Pequeno

A edição deste ano do Mercado dos Vinhos do Campo Pequeno (a quinta) tem este ano o Algarve como “convidado especial”. Durante três dias (28 a 30 de outubro) os visitantes poderão provar e degustar vinhos de todo o país. Ao todo, e feitas as contas, são mais de 100 produtores que estarão à espera de visitas. O destaque dado ao Algarve serve, por um lado, para dar a conhecer uma das regiões vinícolas nacionais mais “esquecidas” e para fomentar negócios, dado que a região é, em contraponto, uma das mais consumidoras.

A organização do Mercado dos Vinhos refere que são esperados cerca de 10 mil visitantes. Estes, além de poderem provar os vinhos, terão também acesso a workshops e outras iniciativas, criadas com o objetivo de dar a conhecer o que de melhor se faz no país em termos vinícolas. Para tal existirá ajuda de produtores, enólogos e

Na quinta edição do certame, agendada para o final deste mês, durante três dias haverá mais de uma centena de produtores que apresentam os seus exemplos para venda. São esperados perto de 10 mil visitantes

escanções, vindos um pouco de todo o país.

Esta é uma boa oportunidade, especialmente para produtores de menor dimensão, de darem a conhecer as suas referências. Não só ao público em geral, mas principalmente aos muitos jornalistas, nomeadamente os especializados, que visitam o evento. Sem esquecer a partilha de informação inerente ao contacto entre profissionais e decorrente das várias provas organizadas e workshops programados.

Todas as regiões estão presentes (em menor ou maior quantidade) – desde os já tradicionais Douro e Alentejo como o redescoberto Dão, sem esquecer a Península de Setúbal, os vinhos de Lisboa, os verdes, o Tejo e os Açores, dos mais clássicos às novidades.

A acompanhar a mostra de vinhos, e porque convém “aconchegar” o estômago, o espaço tem também uma área dedicada à restauração,



assegurada pela Taberna do Mercado, e inclusive à venda de produtos. Bem portugueses. É o caso dos queijos, dos enchidos, dos presuntos, das várias variedades de pão, dos azeites... só para mencionar alguns. Uma boa forma de, no mesmo local, focar a conhecer os melhores vinhos de todas as regiões vnicas portuguesas, de

conseguir fazer inúmeras provas e, depois, adquirir os seus preferidos. Um fim de semana diferente, que custa apenas três euros (sem copo) ou seis euros (com copo). O Mercado dos Vinhos do Campo Pequeno está aberto das 11h30 às 21h30 nos dias 28 e 29 e das 11h30 às 20 horas no dia 30. ■



Fotografia com RA



Wikwand



Amadeo de Souza Cardoso e o quadro Clown, Cavallo e Salamandra, que a Âme Moi mimetizou em carteira com a ajuda da sobrinha-trineta do artista e de uma técnica especial em relevo

LUXO

# Pour Moi

É uma das mais bonitas ligações entre moda e arte. Colocar Amadeo de Souza Cardoso nas carteiras foi um golpe de génio desta marca portuguesa que ainda vai dar muito que falar.

Bruno Lobo

blobo@jornaleconomico.pt

Portugal é muito forte na indústria de calçado, mas não tinha uma marca de acessórios, sobretudo em pele, à altura. A Âme Moi, criada em 2013 por Alberto Gomes e Margarida Jacôme, veio preencher essa lacuna e, em pouco tempo – pouquíssimo na realidade –, assumiu-se como uma cobiçada marca de luxo internacional, com presença em lugares tão icónicos como o Harrods e o Selfridges em Londres.

Todas as carteiras são manufaturadas no atelier em Vila Nova de Famalicão, por experientes mãos portuguesas. Hoje a marca emprega já oito artesãs dedicadas em exclusivo a produzir as cerca de 1.500 carteiras criadas no ano passado.

E, se a ideia é crescer, a aposta passa sempre pela qualidade e exclusividade dos produtos, nunca pela quantidade. Até porque o preço médio de uma Âme Moi ri-

valiza com o das grandes marcas de moda mundiais.

Na génese foram identificados três pilares fundamentais de inspiração: a arte, a “portugalidade” e o mundo equestre. Até porque os fundadores como a designer, Carlotta Costa, são ávidos praticantes de equitação. Ao ponto de a Âme Moi ter um centro hípico nas instalações. A tradição nacional é evidente nas carteiras inspiradas nas mantas alentejanas e na arquitetura portuguesa. A coleção desta estação foi claramente beber à fonte de Lisboa, aos seus bairros e símbolos icónicos e, na próxima, a ligação equestre será mais evidente ainda, como foi possível admirar durante o show de Anabela Baldaque no Portugal Fashion, onde as manequins desfilaram com peças Âme Moi.

Apesar de estar para breve a criação de uma nova loja online, a aposta da Âme Moi foi e mantém-se na presença em pontos-chave um pouco por todo o mundo. As coleções são apresentadas em Milão, havendo representantes em S. Petersburgo, Alemanha, Espa-

nha e Coreia do Sul, este um dos mercados mais fortes, junto com Inglaterra. Ficou a faltar uma cidade importante, Paris, e essa é a próxima grande aposta na marca. Foi precisamente por isso que Alberto e Margarida visitaram a exposição que o Grand Palais organizou em honra de Amadeo de Souza Cardoso, “o último grande segredo da arte moderna”.

A ideia para uma coleção de homenagem estava em marcha. Contactaram então a sobrinha trineta do pintor, Isabel Rebelo Andrade, que rapidamente se juntou à equipa. Nascia assim a Pour Lu-

Em pouquíssimo tempo a Âme Moi conseguiu atingir um estatuto de cobiçada marca de luxo internacional

cie, uma ode ao amor que uniu o artista a Lucie Pecetto, por quem Amadeo se apaixonou em Paris e com quem mais tarde se casou. Esta carteira é, pois, um pouco de tudo isto: a arte de um artista maior, uma história de amor, um saber artesanal e os melhores materiais disponíveis.

Há ainda o cavalo, já que o quadro escolhido foi Clown, Cavallo, Salamandra, e a carteira replica o cavalo da pintura, feito de forma a recriar o seu movimento. Na pala foi utilizada uma técnica de sublimação com relevo para conseguir representar o padrão do corpo do animal.

Este projeto não termina aqui, prevendo-se o lançamento de seis carteiras no total, sempre em edição limitada. À cadência de uma nova peça por estação, a ideia é que, em 2018, o ano em que se comemora o centenário da morte do artista, a coleção esteja completa e possa ser apresentada na totalidade.

A coleção Pour Lucie está exclusivamente à venda na Loja das Meias ou no site da marca. ■

## A Rosa & Teixeira renova-se

É a mais emblemática casa de alfaiataria por medida da capital e, entre os seus clientes, contam-se os grandes decisores políticos e económicos do país há gerações.

O segredo está na qualidade do serviço e na forma como se tem adaptado aos desejos de uma clientela em mudança. Foi o que aconteceu agora, com a renovação total da loja na Avenida da Liberdade, criando-se um espaço mais luminoso e amplo, com outra organização. Enorme destaque para a escultura que Pedro Cabrita Reis criou especialmente para a R&T. Cabrita Reis é – seria quase dispensável referi-lo – cliente de longa data: “Fazem esculturas em tecido que gosto de usar”, pelo que não foi difícil integrá-lo.

Entramos para uma zona dedicada aos acessórios e o espaço central divide-se agora em quatro áreas: camisas, blazers, calças e sapatos. Tudo separado para facilitar a experiência. Os fatos ocupam a zona mais interior, até porque a coleção de cerimónia passou para o piso inferior, uma zona mais privada e com vista privilegiada para o atelier de alfaiataria. A ligação entre os pisos faz-se por uma escada que rodeia a peça de Cabrita Reis e novos ângulos para admirar a escultura. O icónico piso de Brecha da Arrábida foi mantido na zona central, preservando a memória, porque é importante que algumas coisas nunca mudem. Por isso continuamos a ser recebidos pelo nome da loja gravado na calçada da Avenida, um privilégio único, e pelo Sr. José de Castro, sempre de sorriso aberto para clientes e amigos. ■



Pedro Cabrita Reis, vestido de Rosa &amp; Teixeira, posa junto da escultura que criou para a renovada loja na Avenida.